RELATÓRIO 2022

VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS E LIBERDADE DE IMPRENSA NO PARÁ

SINJOR
SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PARÁ

GT DE ENFRENTAMENTO
À VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS

I Relatório de Violências Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Estado do Pará 2022

Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará – SINJOR-PA
Gestão Sempre na Luta 2020 – 2023
02 de Março de 2023

Equipe
Grupo de Trabalho de Enfrentamento à Violência Contra Jornalistas no Pará

Texto
Elma Asobrab, Rose Gomes e Vito Gemaque

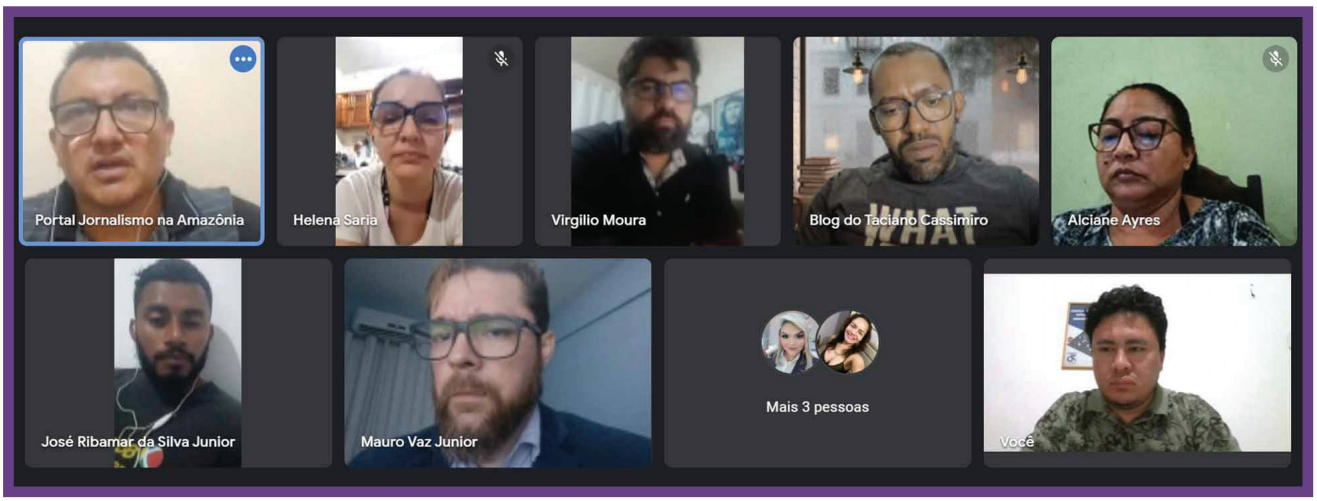
Capa
Elma Asobrab
Revisão
Ivana Oliveira

Diagramação e Artes
Luiz Waldemir Santos e Elma Asobrab

Assessoria de Imprensa
Elma Asobrab e Helena Saria

Apoio:
Comissão em Defesa da Liberdade de Imprensa da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Pará (OAB-PA)
Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)

Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará
Travessa Lindolfo Collor, n. 60. Marco. Belém. CEP: 66095-310
e-mail: sinjorpa@gmail.com | Cel: (91) 98814-3050
Facebook/sinjorpa | Instagram @sinjorpa



Diretoria do Sinjor-PA e Comissão em Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB reúnem com jornalistas agredidos do interior do Pará.

SUMÁRIO

1 Capa

2 Equipe Técnica e dados bibliográficos

3 Sumário

4 Introdução e Metodologia

5 Violência contra Jornalistas no Pará

6 Violência e Eleições

8 Tipos de Violências

9 Comparação Histórica da Violência no Pará

12 Conclusão - Propostas para enfrentar a violência aos jornalistas

13 Anexo Casos de Violência contra jornalistas em 2022

Introdução

Eis que - em consonância com o cenário nacional - chegamos ao fim de um dos anos mais violentos para o jornalismo paraense. O profissionalismo versus ameaças foi a tônica do dia a dia da categoria, em especial, dos que atuam em reportagem. Um dos eventos mais preocupantes foram as eleições gerais, momento em que a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e o Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará (Sinjor-PA) emitiram recomendações às redações relacionadas à adoção de medidas de segurança na cobertura; e instaram autoridades públicas com esse fim. O Ministério Público do Pará (MPPA) fez recomendações para que a Polícia Militar adotasse medidas para garantir a segurança da cobertura nas eleições.

Equipe do SBT Altamira foi hostilizada e xingada em manifestação bolsonarista que interditou o Km 06 da rodovia BR-155.

Tivemos diversos tipos de violência, ao longo do ano, desde agressões físicas e verbais, ataques virtuais e censuras por ação judicial, entre outros. Em quase todos os episódios os protagonistas das agressões foram agentes públicos e/ou manifestantes bolsonaristas.

No pós-eleições, mesmo com o evidente cenário bélico na frente dos quarteis, muitos repórteres foram enviados para cobertura da retirada dos manifestantes dos atos antidemocráticos sem material de proteção, como coletes à prova de balas; e sem o carro da empresa, dependendo assim de condução por aplicativo.

O Sindicato dos Jornalistas do Pará atuou em cada caso e, com apoio da Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB-PA, acompanhou as vítimas na delegacia. As denúncias foram formalizadas a fim de processar os agressores; e as empresas de comunicação foram instadas para não enviarem mais equipes enquanto não houver garantia de realização de trabalho seguro para os profissionais.

Em 2023, seguiremos com nossa luta contra a violência e acompanharemos o desfecho de cada caso. Deveremos ter, entre outros, audiência pública na Assembleia Legislativa do Pará (Alepa) para debater as medidas que devem ser adotadas para combater a violência contra os jornalistas, ato que, quase sempre, tem por finalidade atingir e fragilizar a democracia.

E iniciamos o ano lançando o primeiro Relatório sobre a Violência Contra os Jornalistas do Pará. Esse documento elaborado por meio do Grupo de Trabalho de Enfrentamento à Violência Contra Jornalistas no Pará, criado pelo SINJOR-PA, será encaminhado para os órgãos competentes, entidades de defesa dos direitos humanos, parlamentares e instituições parceiras para que todos tomem ciência da gravidade desses ataques à democracia.

Metodologia

A metodologia adotada para elaboração deste relatório consistiu na pesquisa em fontes primárias como: a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Observatório da Comunicação (OBCOM)

A FENAJ elabora relatórios anuais sobre as violências contra a categoria desde 1998, e o OBCOM possui um banco de dados automatizado com os casos da Fenaj. O OBCOM pode realizar buscas e segmentar por período, região, por mídia específica, Estados, tipos de agressões, agressor específico, gênero do agressor, jornalista agredido e gênero.

Para elaborar esse relatório o SINJOR-PA também utilizou dados que a própria entidade obteve por meio de denúncias das vítimas ou de colegas de profissão que informaram ao Sindicato os casos.

VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS NO ESTADO DO PARÁ

A violência contra jornalistas no Estado do Pará sempre esteve presente ao longo da história. Este estudo inaugural do Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará (SINJOR-PA) com base nos casos levantados pela própria entidade e pelos registros históricos de outras entidades que acompanham a violência contra a categoria como a Federação Nacional dos Jornalistas, Associação Brasileira da Imprensa (ABI) e o Observatório da Comunicação (OBCOM) demonstra que a violência contra os jornalistas vem se agravando com os anos no Estado.

Em 2022, o SINJOR-PA registrou o recorde de casos de violências contra jornalistas. Somente no último ano ocorreram 21 casos. O Estado do Pará ocupa há vários anos o posto de estado mais violento da Região Norte e um dos mais violentos do país. Os dados do último ano colocaram o Estado como o terceiro mais violento do Brasil, de acordo com o relatório da Fenaj.

A Fenaj contabilizou no ano passado 376 casos de violências, uma diminuição de 54 registros em comparação aos 430 casos de 2021, ano recorde da série histórica dos levantamentos feitos pela federação. Dos 376 episódios registrados, a FENAJ excluiu 99 em que não se aplicou o critério regional.

As tentativas de Descredibilização da imprensa por meio de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas, tendo como objetivo atingir a instituição imprensa, não foram divididas por região/estado. Por serem genéricas e generalizadas, elas tiveram o propósito de atingir os veículos de comunicação em geral e a categoria dos jornalistas na sua totalidade.

Na comparação entre todos os estados, apenas o Distrito Federal que concentrou 88 casos (30,57%), quase um terço do total de casos registrados do Brasil; São Paulo que teve 48 registros (16,67%), ficaram a frente do Pará que teve 21 casos elencados no critério regional, que totalizou 7,30% de todos os casos no Brasil. Em quarto lugar veio o Paraná, seguido pelo Rio de Janeiro e Bahia.

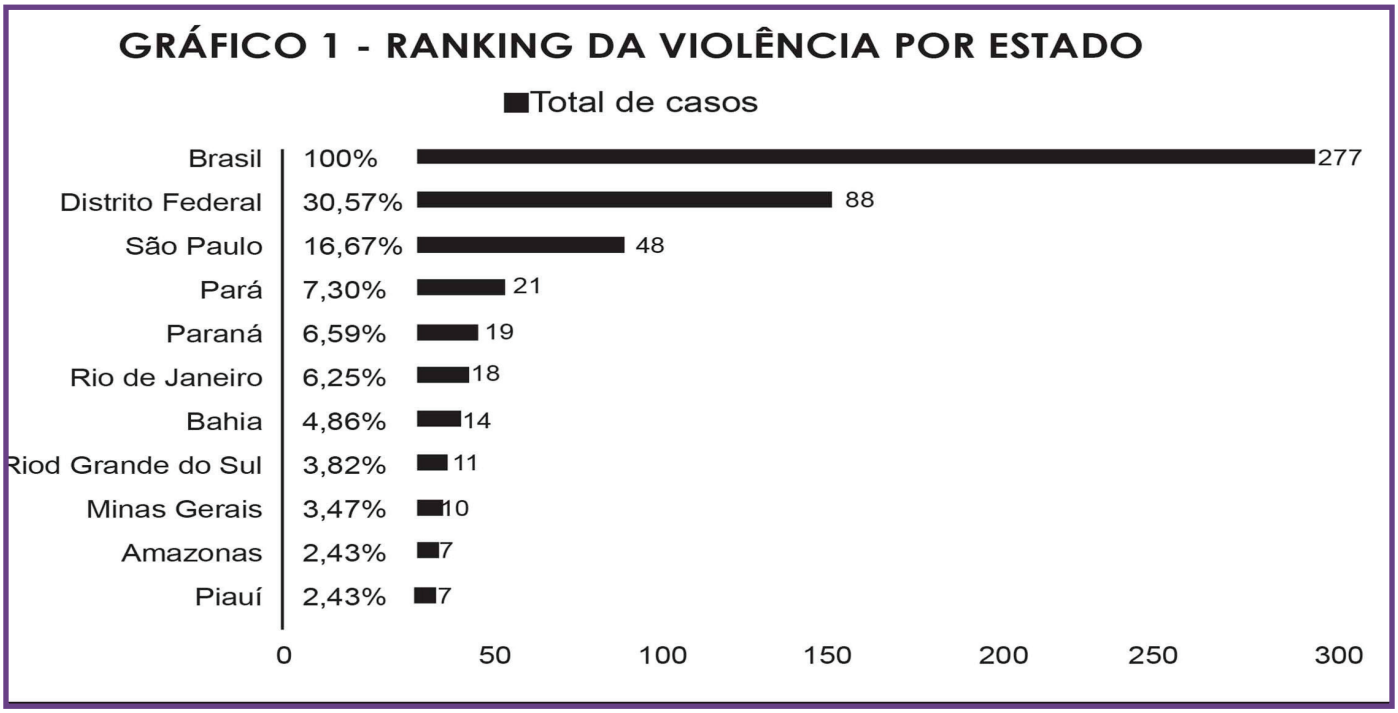
Entre as regiões a primeira colocada foi o Centro-Oeste com 98 casos (34,03%), em seguida o Sudeste com 82 casos (28,47%) e em terceiro lugar o Norte com 38 casos (13,2%). O nordeste teve 35 casos (12,15%) e o Sul também com 35 casos (12,15%).

O Estado do Pará contabilizou sozinho mais do que a soma de todos os outros estados do Norte brasileiro. Os 21 casos registrados no Estado do Pará superam os outros 17 casos registrados somados da região Norte. Depois do Pará vem Amazonas com 7 casos (2,43%), Rondônia com 6 casos (2,08%), Roraima com dois casos (0,69%), e Acre e Tocantins empatados com 1 caso (0,35%) cada. O Estado do Amapá foi o único a não ter nenhum registro de violência em 2022.

Se considerarmos a Amazônia Legal, que engloba também os Estados do Maranhão e Mato Grosso, o Pará também foi o Estado mais violento da região. Maranhão e Mato Grosso registram, respectivamente, seis e um caso.

O Grupo de Trabalho entende que os números da região Norte e da Amazônia Legal podem ser maiores devido a subnotificação de casos, principalmente porque os sindicatos têm pouca estrutura para atender uma gigantesca região. Muitas vezes as agressões não chegam ao conhecimento das entidades e os profissionais de imprensa não registram Boletim de Ocorrência ou sequer são produzidas matérias sobre a agressão.

No Estado do Pará, o aumento do número de casos registrados também pode ter ocorrido pelo empenho do SINJOR-PA e da Comissão em Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB em buscar as vítimas para ter informações.



VIOLÊNCIA E ELEIÇÕES

SINJOR-PA intuiu que poderia ocorrer o aumento da violência contra jornalistas a partir do segundo semestre de 2022, quando começariam as campanhas para as eleições ordinárias em outubro, mês do primeiro turno. No dia 2 de outubro, o SINJOR-PA realizou um plantão em sua sede juntamente com a presidência do Sindicato dos Radialistas do Estado do Pará (SINRAD-PA) para apoiar qualquer jornalista que fosse ameaçado ou agredido no dia da eleição. A ação se repetiu em novembro, mês do segundo turno das eleições, com prontidão da assessoria jurídica do SINJOR.

O sindicato paraense também seguiu a ação da FENAJ que criou uma cartilha com orientações para jornalistas na cobertura das eleições. O SINJOR-PA também escreveu e divulgou uma cartilha com orientações específicas aos jornalistas paraenses. Felizmente, não houve registros de casos de violências em nenhum dos turnos.

A conjuntura mudou após o resultado da eleição presidencial e o clima de contestação e desconfiança criado pelo candidato perdedor, o presidente no cargo Jair Messias Bolsonaro. As manifestações bolsonaristas que se espalharam pelo Brasil contestando o resultado das urnas serviu para propagar a intolerância e violência contra os jornalistas no Pará.

Como poderemos verificar nos dados a frente, o aumento da violência contra os jornalistas está diretamente associado à violência política com o auge da extrema-direita no Brasil. Dois dados corroboram essa avaliação. O primeiro é o perfil dos agressores de jornalistas no Estado do Pará com mais da metade dos registros (11) sendo ocasionados por manifestantes bolsonaristas (Gráfico 2).

O segundo fator foram os meses em que ocorreram as agressões (Gráfico 3). Uma quantidade considerável ocorreu após o segundo turno das eleições, durante as manifestações bolsonaristas que pediam golpe militar contra a democracia. Essas manifestações ocorreram em diferentes municípios paraenses e brasileiros. Uma das mais longas foi em Belém, em frente ao II Batalhão de Infantaria de Selva (2º BIS), localizado na avenida Almirante Barroso.

As ameaças e agressões aos jornalistas foram registradas na maioria das vezes quando os profissionais da imprensa estavam cobrindo as manifestações bolsonaristas. O mês de novembro concentrou os casos no Brasil, no Norte e no Pará. Com base no relatório da Fenaj, o Grupo de Trabalho conseguiu elencar 77 casos somente em novembro no Brasil, o que resultou em mais de uma agressão diária.

O Estado do Pará e a Região Norte tiveram novembro como o mês mais violento. O Pará contabilizou 11 casos de agressão, mais da metade dos casos registrados no ano, e a região Norte teve 10 ocorrências. Em ambos, a maioria foram agressões ligadas às manifestações bolsonaristas.

Conforme o gráfico 3, o Brasil também teve novembro como mais violento do ano. Setembro e outubro foram o segundo e o terceiro mês violento do Brasil, com quase um atentado contra jornalista por dia. Setembro e outubro tiveram respectivamente 29 e 30 casos cada, boa parte motivadas por política.

O mês de novembro foi o mês mais violento devido a difusão de protestos bolsonaristas que tinham como hábito insultar, agredir verbal e fisicamente, impedir o trabalho e cercear a liberdade de expressão da imprensa.

TIPOS DE AGRESSÕES

Dentre os tipos de agressões categorizados pelo Sindicato dos Jornalistas no Pará estão oito categorias, utilizadas com base no relatório da Fenaj de 2021. É importante ressaltar que os tipos de agressões podem ser categorizados em mais de uma modalidade. O GT enquadrou um caso em mais de uma categoria de agressão.

Diferentemente de 2021, o Estado do Pará não registrou nenhum assassinato no ano passado. Entretanto, os casos mais que dobraram saltando de 8 (2021) para 21 (2022). As agressões verbais e os ataques virtuais concentraram a maior parte das agressões com 19 casos. As ameaças e intimidações estiveram em segundo lugar com 18 casos e em terceiro o impedimento ao exercício profissional (17). As agressões físicas, uma das mais graves categorias, contabilizou oito casos. Um caso específico, que chamou a atenção, foi o sequestro e espancamento contra o jornalista Sandro Ferreira, em Tucuruí.

COMPARAÇÃO HISTÓRICA DA VIOLÊNCIA NO PARÁ

Historicamente, o Estado do Pará sempre foi um dos mais violentos no Brasil. De acordo com os relatórios anuais da Fenaj, o Pará sempre tem sido o Estado com a maior quantidade de violência na região Norte, e um dos mais violentos no Brasil. Em 2022, os números pioraram com o recorde histórico da violência na comparação com os outros anos. O Grupo de Trabalho levantou informações de diferentes fontes históricas que acompanham a violência contra jornalistas no Brasil.

Antes de iniciarmos a análise, é importante pontuar a diferença cronológica do período de início do levantamento de dados, das instituições, que fazem o mapeamento de violência contra jornalistas. O Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom) inicia, em 1982, o mapeamento de violência contra jornalistas. Enquanto que a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) começa ter registros somente dezesseis anos depois, em 1998.

Podemos verificar a quantidade total de casos anualmente no Estado do Pará, na região Norte e no Brasil na Tabela 01 - Violência Contra Jornalistas Anualmente (Estado, Região e País).

A violência enfrentada por jornalistas remonta de muito tempo. Na primeira década, quando começaram os levantamentos de dados os números eram baixos, com uma média de 0,44 casos/ano, a nível nacional, no período de 1982 a 1990. Naquela época apenas um caso foi registrado na Região Norte, sendo inclusive no Pará.

No período que vai de 1991 a 1998, ano em que a Fenaj inicia seu processo de mapeamento, o número de jornalistas agredidos cresce exponencialmente, chegando a uma média de 16,37 agressões por ano, no Brasil. Os casos saem de 5 (1991) para 34 (1998), segundo dados da OBCOM.

TABELA 01
VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS ANUALMENTE (ESTADO, REGIÃO E PAÍS)

Ano	Casos OBCOM (PA)	Registros Fenaj (PA)	Registros OBCOM (Norte)	Registros Fenaj (Norte)	Registros OBCOM (Brasil)	Registros FENAJ (Brasil)
1982	0	X	0	X	1	X
1983	0	X	0	X	2	X
1984	0	X	0	X	1	X
1985	X	X	0	X	0	X
1986	X	X	0	X	0	X
1987	X	X	0	X	0	X
1988	1	X	1	X	1	X
1989	0	X	0	X	0	X
1990	0	X	0	X	0	X
1991	0	X	2	X	5	X
1992	2	X	6	X	19	X
1993	0	X	0	X	12	X
1994	0	X	0	X	2	X
1995	0	X	0	X	0	X
1996	1	X	7	X	32	X
1997	2	X	2	X	27	X
1998	1	1	5	5	34	21
1999	0	0	0	1	0	29
2000	0	2	0	4	0	29
2001	0	1	1	2	13	10
2002	X	X	0	X	X	X
2003	X	X	0	X	X	X
2004	X	X	0	X	X	X
2005	3	6	9	18	57	67
2006	8	6	11	10	72	68
2007	5	5	11	12	51	48
2008	0	1	0	3	0	41
2009	5	6	12	13	54	55
2010	0	0	0	4	0	39
2011	0	9	0	14	0	62
2012	7	9	13	17	73	81
2013	5	7	13	22	185	181
2014	0	7	0	10	0	129
2015	13	13	18	22	142	137
2016	5	10	11	26	94	161
2017	2	2	4	5	97	99
2018	2	2	7	8	100	135
2019	1	1	5	6	183	208
2020	8	8	15	15	302	428
2021	5	8	12	16	150	430
2022	-	21	-	38	-	376

[1]Fontes: Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil - FENAJ e Observatório da Comunicação (obcom.net.br). [2]No período de 2002 a 2004, a Fenaj não elaborou ou divulgou o relatório anual de violência contra jornalistas. [3]Até o fechamento do relatório o OBCOM não havia divulgado os dados de 2022.

A nível nacional, existe diferença considerável nos dados levantados pelo OBCOM e pela FENAJ, conforme pode-se observar na Tabela 01. Logo no primeiro ano de comparação em 1998, enquanto o Observatório teve 34 casos, a Federação registrou 21. Na Região Norte, ambas instituições totalizaram 5 situações, naquele ano, um percentual entre 14,7% e 23,8%, respectivamente, em relação ao Brasil.

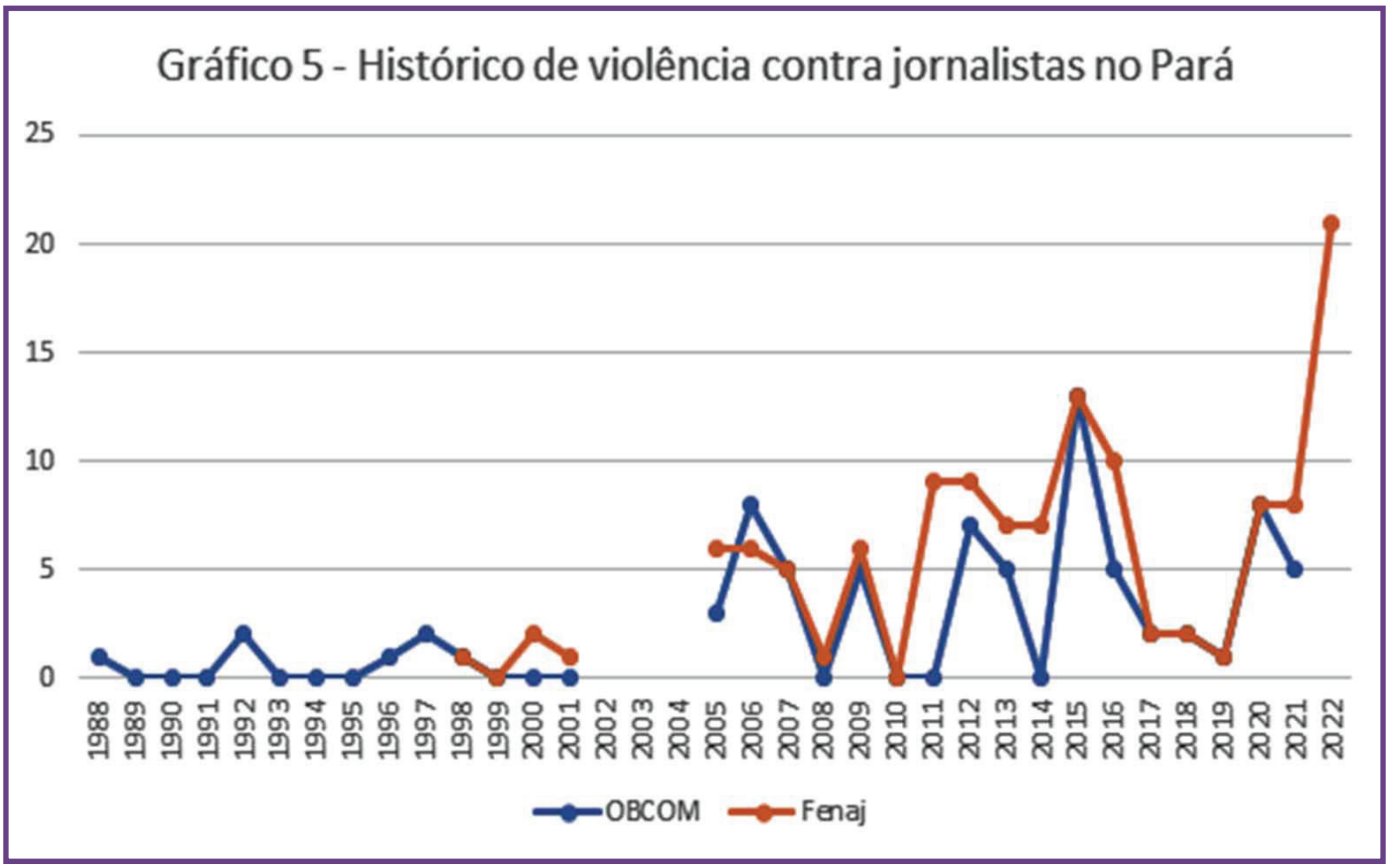
No período de 1999 a 2009, o número de casos nacionais teve aumento aproximado de 37% (OBCOM), e 50% (FENAJ), em relação ao período anterior. No Norte, esse aumento foi de aproximadamente 20%.

Nos últimos 13 anos, o número de jornalistas que sofreram algum tipo de violência, no Brasil, está na média de 102 casos/ano, conforme o Observatório da Comunicação e 160,76 casos/ano, de acordo com a Fenaj, um aumento de quase 5 vezes, em relação ao período de 1999 a 2009. Já na Região Norte, a estatística mostra um aumento de quase duas vezes.

A violência contra jornalistas no Estado do Pará é um problema antigo. Em 2011, o Pará foi o mais violento do Brasil com nove casos, a frente do Estado do São Paulo. Em 2012, foi o segundo com maior violência. Três anos depois, em 2015, foi o terceiro mais violento do País. Em 2021, o Pará ficou na quarta colocação. E, no último ano, voltou novamente a ser o terceiro Estado com a maior quantidade de violência contra jornalistas.

Os dados mostram, que o período em que os jornalistas brasileiros mais sofreram agressões, desde 1982, foi durante o governo de Jair Bolsonaro, chegando a mais de um caso por dia, no ano de 2021, conforme levantamento feito pela Fenaj.

No Gráfico 5 – Histórico de violência contra jornalistas no Pará podemos fazer uma comparação entre o OBCOM e a FENAJ ano a ano. Percebemos por meio deste gráfico que o Estado do Pará atingiu o recorde histórico de violência contra jornalistas no ano passado.



Em 2022, as 21 agressões contra jornalistas superaram o ano de 2015, que era até então o mais violento do histórico paraense com 13 casos, nos dados do OBCOM e da FENAJ. Depois de 2015, o terceiro ano mais violento do histórico foi 2016 com 10 no OBCOM.

Esse crescimento na quantidade de casos pode estar associado primeiro ao aumento da extrema-direita e de grupos fascistas, que tem nos jornalistas independentemente do veículo, inimigos que precisam ser questionados e agredidos; e em segundo lugar ao acompanhamento mais próximo do Sindicato junto às vítimas de violência, o que permite melhor mapeamento da violência.

Um dos fatores que contribuiu de sobremaneira para o crescimento dessa violência foi a propagação de ideologias políticas extremistas, no caso brasileiro atual o bolsonarismo. O ex-presidente Jair Bolsonaro incitou por várias vezes seus seguidores contra os jornalistas durante quatro anos. Foi inevitável que durante o período da eleição presidencial, os bolsonaristas vissem a imprensa como um dos maiores inimigos.

No acompanhamento das vítimas, o SINJOR-PA juntamente com a Comissão em Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB-PA tem incentivado as vítimas em registrar as ocorrências nas delegacias, prestado apoio com orientação jurídica aos agredidos e cobrado os órgãos e autoridades competentes responsáveis por investigar os casos. Além da divulgação de notas de repúdio, uma ferramenta antiga do sindicato, que agora foi ressignificada com a assinatura da Comissão da OAB e da Fenaj.

CONCLUSÃO - PROPOSTAS PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA AOS JORNALISTAS

Conforme constatamos, o ano de 2022 foi o mais violento para os jornalistas no Estado do Pará. Embora saibamos que o extremismo não acabou, pelo contrário deixou sua semente viva na sociedade, a saída da extrema-direita do poder central do Brasil e a ascensão de um governo progressista e defensor da democracia, trouxe a esperança de novos tempos de proteção e justiça para quem trabalha com o jornalismo.

Neste contexto, o papel dos sindicatos é fundamental para cobrança de medidas do poder público e das empresas comunicação. A elaboração deste primeiro Relatório da Violência Contra os Jornalistas no Pará é uma das medidas que o SINJOR-PA lança para organizar os registros dos casos, denunciar e alertar a sociedade e o poder público sobre a violência contra a categoria e, consequentemente, contra a democracia.

Dentre as ações que o SINJOR propõe para 2023 para enfrentar a violência contra os jornalistas estão:

(1) Expandir o debate sobre as motivações e as consequências da violência contra os jornalistas, com agenda junto ao Poder Legislativo (Assembleia Legislativa e câmaras municipais) e na comunidade científica com as faculdades de comunicação.

(2) Prosseguir com ações junto às empresas de comunicação para que invistam na segurança e condições trabalho, como uso de EPIs, colete à prova de balas e carros próprios das empresas para as equipes de reportagem. Continuar exigindo que as empresas avaliem de forma justa se há condições para cobertura de determinadas pautas com indícios de violência. E, também assistência dos corpos jurídicos das empresas aos jornalistas no registro de denúncias e na cobrança de punição aos responsáveis pelas agressões;

(3) Continuar acompanhando os casos de violência contra os jornalistas, assessorando o registro junto à polícia e o processo junto à justiça. Também atuar em conjunto com a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB-PA quando houver necessidade:

(4) Fortalecer a Comissão de Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB-PA com novos advogados de todo o Estado para que contribuam também na assessoria dos jornalistas agredidos:

(5) Fortalecer o Grupo de Trabalho com a participação de jornalistas de todo o Estado do Pará que possam ajudar a denunciar casos e a organizar a categoria para o enfrentamento deste problema por região no Estado;

(6) Elaborar uma cartilha de segurança para os jornalistas do Pará em parceria com a Comissão da OAB com os procedimentos que devem ser realizados quando um jornalista estiver sob ameaça ou sofrer alguma agressão;

(7) Realizar parcerias com outros sindicatos da Amazônia e a Fenaj para trocar experiências sobre o combate à violência, melhorar o registro de casos na Amazônia e criar uma campanha nacional ou para a região Amazônica com o intuito de incentivar a denúncia e combater a violência contra os jornalistas;

(8) Propor à FENAJ a criação de um sistema via internet para padronizar o registro de ocorrências e melhorar a segmentação dos casos com divisão mensal das ocorrências;

(9) Propor à FENAJ e ao OBCOM maior estreitamento das relações para diminuir a diferença estatística entre as duas fontes;

(10) Incentivar a criação de grupos de pesquisas científicas sobre violência contra jornalistas e comunicadores no Pará;

(11) Acabar com o transporte de jornalistas por meio de carros de aplicativo, que tem sido adotado pelas empresas de comunicação do Pará. Essa ação vulnerabiliza os jornalistas nas pautas sem apoio para saírem rapidamente do local caso ocorra alguma agressão.

(12) Criação pelo Governo do Estado de um observatório estadual sobre a violência contra os jornalistas e comunicadores do Pará, nos moldes do Observatório Nacional do Ministério da Justiça, que deverá reunir entidades de classe, empresas de comunicação e representantes da área de Segurança Pública com o intuito de diminuir a subnotificação de casos, que ainda é grande, principalmente no interior do Estado;

(13) Criação de um protocolo de segurança de enfrentamento à violência contra jornalistas e comunicadores, como já ocorre em outros Estados como o Ceará, em parceria entre o SINJOR, Sindicato dos Radialistas, OAB-PA, o Governo do Estado, Ministérios Públicos do Estado e Federal (MPF), Polícia Federal, os órgãos de segurança do Estado e as empresas de comunicação do Estado para determinar a responsabilidade e a ação de cada ator social no enfrentamento à violência contra os comunicadores.

O SINJOR-PA espera que esse relatório sirva para acabar com a impunidade dos agressores de jornalistas e fortaleça a democracia brasileira e as instituições da sociedade.

Prefeito de Oriximiná William Fonseca (PRTB), agredindo o jornalista Waldiney Ferreira.

ANEXO 1 – CASOS DE VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS EM 2022

Data: 04 de Fevereiro – Local: Parauapebas-PA
Tipo de Violência: Descredibilização da imprensa; agressões verbais
Vítimas: Repórter Leonardo Gomes (Record), repórter cinematográfico Denis Brazzil (Record), Repórter Márcio Alves (Portal Pebas Notícias).
Agressor: Investigador Marcos, da Polícia Civil.
Resumo: O investigador Marcos da Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) de Parauapebas ofendeu diversos comunicadores que apuravam uma notícia no dia 04 de fevereiro na DEAM. O investigador falou em tom agressivo para a equipe da TV Record, com o repórter Leonardo Gomes e repórter cinematográfico Denis Brazzil; e do portal Pebas Notícias, com o repórter Márcio Alves, que a imprensa local "espalha mentiras", além de outros insultos em voz alta na frente de policiais e guardas municipais que estavam no plantão.

Data: 04 de Abril – Local: Santarém-PA
Tipo de Violência: Descredibilização da imprensa; agressões verbais
Vítimas: Repórter Diego Silva (TV Princesa), Repórter cinematográfico Gleison Nascimento (TV Princesa), Rosinaldo Jr (Blog do Pião)
Agressor: Policiais Militares
Resumo: No dia 07 de abril de 2022, dia do Jornalista, os profissionais da comunicação em Santarém (PA) Diego Silva e Gleison Nascimento e o Blogueiro Risonaldo Jr, do Blog do Pião, sofreram atos de truculência verbal de dois policiais militares durante a cobertura de prisão de um suspeito de esfaqueamento.

Data: 14 de Abril - Local: Belém-PA
Tipo: Ameaças e intimidações; impedimento do exercício profissional
Vítima: Fotojornalista Sidney Oliveira (Jornal O Liberal)
Agressor: Chef de cozinha
Resumo: O fotojornalista Sidney Oliveira sofreu ameaças ao registrar o incêndio em uma peixaria localizado no bairro do Marco, em Belém. O Chef de cozinha quis impedir Sidney de fazer fotos e junto com dois seguranças ameaçaram o profissional.

Data: 1º de junho Local: Oriximiná-PA
Tipo de violência: Agressão física; Ameaças e intimidações; descredibilização da imprensa;
Vítimas: Repórter Waldiney Ferreira (Rede Trombetas de Comunicação)
Agressor: Prefeito de Oriximiná, Wilian Fonseca

Resumo: Agressão covarde do Prefeito de Oriximiná (PA), Wilian Fonseca, contra o jornalista Waldiney Ferreira, da Rede Trombetas de Comunicação, no dia 1º de junho, Dia Nacional da Imprensa. O jornalista e demais profissionais da comunicação realizavam a cobertura da votação pelo Legislativo do processo de cassação do prefeito. Após o término da sessão da Câmara Municipal, em via pública, o profissional estava capturando imagens com o celular quando foi surpreendido com chute e murros de Willian Fonseca. O aparelho celular ainda foi tirado de Waldiney por um apoiador do prefeito.

Data: 1º de junho Local: Altamira – PA
Tipo: Impedimentos ao exercício profissional; Injúria racial/racismo; Agressões verbais
Vítimas: Repórter Marinaldo Barros (TV Vale do Xingu - filiada ao SBT em Altamira), Repórter cinematográfico José Ribamar da Silva Júnior (TV Vale do Xingu - filiada ao SBT em Altamira)
Agressor: servidor público e ex-locutor de rádio Dino Silva

A equipe de reportagem da emissora Vale do Xingu, filiada ao SBT em Altamira, sofreu constrangimento e agressões verbais no dia 1° de junho, na Circunscrição Regional de Trânsito (Ciretran) de Altamira. O repórter Marinaldo Barros e o repórter cinematográfico José Ribamar da Silva Júnior foram insultados pelo servidor público e ex-locutor de rádio, Dino Silva, enquanto aguardavam para gravar uma entrevista com o gerente regional do Ciretran em Altamira, Eleandro Pereira.

O servidor impediu que a equipe entrasse na sala do gerente, mesmo a entrevista tendo sido previamente agendada e autorizada pela assessoria de imprensa do Detran-PA. Segundo os repórteres, Dino Silva falou em tom agressivo com a equipe na frente de várias pessoas no Ciretran acusando o repórter Marinaldo Barros de ser "mal-educado" e ainda expulsou do espaço o repórter cinematográfico José Ribamar, que se sentiu discriminado por ser negro, já que ele foi o único a ser retirado da sala. O repórter e o cinegrafista entenderam que a ordem para José Ribamar sair da sala teve cunho racista.

Data: 14 de Junho de 2022 - Local: Vitória do Xingu-PA
Tipo: Ameaças e intimidações; Agressões verbais
Vítimas: Repórter Thais Portela (TV Vitória, afiliada Record); Repórter cinematográfico Vitor Danilo (TV Vitória, afiliada Record)
Agressor: Filho de acusado em operação policial
Resumo: Os jornalistas sofreram ameaças verbais pelo filho de um acusado de crime durante operação da Polícia Civil.

Data: 02 de julho - Local: São Miguel do Guamá -PA
Tipo: Ameaças e intimidações; Agressões verbais/ataques virtuais
Vítimas: jornalistas policiais
Agressor: Grupos às margens da lei / Mulher envolvida com facções criminosas

Resumo: Adera Ellem dos Santos, de 26 anos, foi presa na tarde de sexta-feira (1º de julho), no município em São Miguel do Guamá, no nordeste paraense. Ela é suspeita de cometer crimes de associação criminosa, ameaça e coação. A Polícia Civil aponta que ela seja membro de uma facção criminosa com atuação no estado do Pará.

O delegado Ronaldo Lopes, titular de São Miguel do Guamá, explica que Adera Ellem é suspeita de integrar a facção criminosa Comando Vermelho. A mulher estava infiltrada em um grupo de WhatsApp dedicado a veicular notícias do município. Lá, passou a fazer ameaças de morte aos policiais e aos jornalistas administradores do grupo. As reações sobretudo ocorriam quando alguma notícia sobre ações policiais era compartilhada.

De acordo com o jornalista Lucivaldo Souza, a mulher entrou no grupo a pedido de um morador de São Miguel do Guamá. "Ele só disse que tinha uma amiga que queria muito participar do grupo para ficar por dentro das notícias. E logo depois dela entrar começaram as ameaças em nosso privado. Daí chegamos à conclusão que só poderia ser a nova integrante do grupo", contou.

O jornalista informou a polícia e registrou um Boletim de Ocorrências. "Mas antes fui procurar o homem que pediu para a amiga dele entrar e ele nos deu a dica de onde ela poderia morar. Foi um momento de terror que passamos", contou.

Data: 12 de julho – Local: Belém-PA
Tipo de violência: ataques cibernéticos
Vítimas: Jornalista Olavo Dutra – Blog Coluna do Olavo Dutra, e Jornalista Evandro Correa - Blog O Antagônico
Agressor: Não identificado

Resumo: O blog Coluna do Olavo Dutra, do jornalista Olavo Dutra, e o blog O Antagônico, do jornalista Evandro Correa, foram retirados do ar após veiculação de notícias negativas sobre o Governo do Estado do Pará.

Data: 08 de outubro de 2022 – Local: Belém-PA, escadinha da Estação das Docas, Círio Fluvial.
Tipo: Ameaças; Impedimento do exercício profissional
Vítimas: Fernando Sette e outros fotojornalistas presentes
Agressor: coordenador da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré

Resumo: Um membro da Guarda de Nossa Senhora de Nazaré, que se identificou como coordenador das atividades de segurança na Escadinha da Estação das Docas, na manhã do dia 08 de outubro. Vários fotojornalistas e jornalistas foram impedidos de trabalhar na chegada da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré do Círio Fluvial e ameaçados de prisão por um membro da Guarda. Alguns fotojornalistas chegaram a ser ameaçados com voz de prisão sem nenhum respaldo legal.

Data: 31 de outubro Local: Marabá-PA
Tipo: Ameaças e intimidação; agressões verbais/ataques virtuais; Descredibilização da imprensa; Impedimento do exercício profissional
Vítimas: Repórter Gecelha Sobreira (TV SBT Marabá) e Repórter cinematográfico Jhean Brito (TV SBT Marabá)
Agressores: Manifestantes bolsonaristas

Resumo: Profissionais faziam reportagem sobre o protesto de manifestantes bolsonaristas, que interditavam o Km 06 da rodovia BR-155, com pautas antidemocráticas, que ferem a Constituição. A repórter Gecelha Sobreira e o repórter-cinematográfico Jhean Brito foram intimidados e xingados com as palavras "imprensa lixo" por alguns manifestantes. Devido essa situação, os jornalistas se retiraram do local para se resguardar.

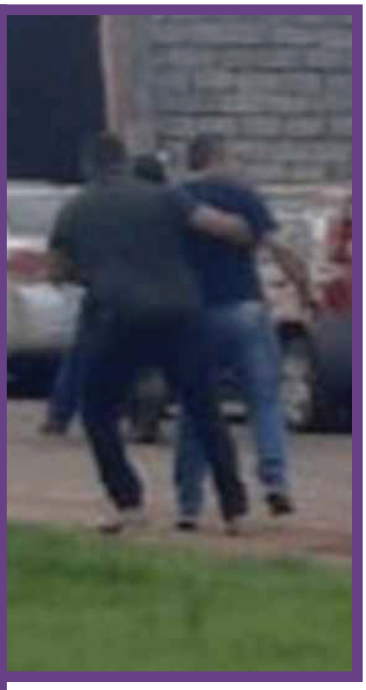
Data: 2 de novembro Local: Marabá
Tipo: Agressões verbais/ataques virtuais; ameaças e intimidações;
Vítimas: Diretora de jornalismo Angelika Freitas (TV SBT em Marabá)

Agressores: Manifestante bolsonarista

Resumo: O manifestante bolsonarista do ato antidemocrático tentou intimidar a diretora de jornalismo da TV SBT Angelika Freitas por suas redes sociais. O Grupo Correio registrou BO e o manifestante foi chamado a prestar esclarecimento pela Polícia.

Data: 2 de novembro de 2022. Local: Belém, avenida Almirante Barroso II BIS
Tipo: Agressões verbais/ataques virtuais; descredibilização da imprensa; ameaças e intimidações; impedimento ao exercício profissional
Vítimas: Repórter Jordan Navegantes (TV Pará Mais)
Agressores: Manifestante bolsonarista de ato antidemocrático

Resumo: O jornalista Carlos Jordan Navegantes, da TV Mais Pará, foi hostilizado, ameaçado e cerceado durante cobertura da manifestação bolsonarista na avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS. Os manifestantes cercaram Jordan e xingaram gritando para ele ir embora, dizendo que ele não deveria mais pisar lá, que era um infiltrado



Jornalista Sandro Ferreira foi agredido pelos seguranças e pelo prefeito de Tucuruí, A lexandre Siqueira.

e “vagabundo”. Jordan foi enviado sozinho para a cobertura no local pela TV Mais Pará e de aplicativo. O jornalista registrou boletim de ocorrência na delegacia.

Data: 7 de novembro Local: Marabá
Tipo: Descredibilização da imprensa; agressões verbais/ataques virtuais; ameaças e intimidações; impedimento ao exercício profissional
Vítimas: repórter Chagas Filho (TV SBT Marabá) e cinegrafista Diego Costa (TV SBT Marabá)
Agressores: Manifestante bolsonarista de ato antidemocrático

Resumo: Na manhã da segunda-feira, 7, o repórter Chagas Filho e o cinegrafista Diego Costa foram ameaçados por manifestantes bolsonaristas ao tentar gravar uma passagem de TV, em frente ao 52 Bis na BR-230. Os manifestantes impediram a equipe de gravar no local e chutaram o carro da empresa de comunicação.

Data: 7 de novembro de 2022. Local: Belém, avenida Almirante Barroso II BIS
Tipo: Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Vítimas: Pedro Pessoa (repórter TV Record) e Jorge Quemel (cinegrafista TV Record)
Agressores: manifestantes bolsonaristas

Resumo: No dia 7 de novembro a equipe estava fazendo a cobertura das manifestações pró-Bolsonaro na avenida Almirante Barroso, quando foram hostilizados por um grupo de pessoas. Elas cercaram a equipe, xingaram e ameaçaram. A equipe teve que sair do local para preservar sua integridade física.

Data: 07 de novembro de 2022. Local: Belém, avenida Almirante Barroso II BIS
Tipo: Agressões físicas; Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Local: Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS, Belém-PA
Vítima: Repórter Pollyana Gomes (repórter) TV Record
Agressores: Manifestantes bolsonaristas

Resumo: NO mesmo dia em que uma equipe da TV Record havia sido ameaçada de manhã, houve nova intimidação e ameaça desta vez contra a repórter Pollyanna Gomes. Enquanto a equipe se preparava para entrar em um link ao vivo um homem se aproximou da equipe de maneira intimidatória perguntando o que eles estavam fazendo no local e qual era a matéria que estavam produzindo. A equipe da Record chegou no momento em que estava acontecendo as intimidações contra estudantes.

O mesmo homem responsável pela ameaçar contra estudantes do Colégio Pedro Amazonas Pedroso, intitulado Alan, tentou intimidar a equipe da TV Record. O agressor ameaçou Pollyana e queria que ela e o cinegrafista fizessem a cobertura jornalística no meio dos manifestantes. Ele e outro manifestante começaram a incitar os bolsonaristas contra os jornalistas. Eles xingaram a equipe de “Record Bosta” e de “imprensa sensacionalista”, e atrapalharam a filmagem colocando placas na frente da câmera. Alan ainda levou outras pessoas durante transmissão ao vivo para pressionar a jornalista. Os agressores tentaram puxar a câmera diversas vezes. Os jornalistas foram expulsos sob ofensas. A Record decidiu não enviar mais repórteres para o local.

Data: 08 de novembro de 2022. Local: Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS, Belém
Tipo: Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Local: Belém, Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS.
Vítima: Repórter Wesley Costa Ribeiro (TV RBA)
Agressores: manifestantes bolsonaristas

Durante cobertura jornalística como repórter da TV RBA, Wesley Ribeiro foi ameaçado de agressão por um homem que se identificou como advogado dos manifestantes bolsonaristas antidemocráticos na avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º Batalhão de Infantaria de Selva do Exército. O homem perguntou em tom agressivo se Wesley queria apanhar e mandou que a equipe ficasse distante do local da manifestação. Os manifestantes também xingaram a imprensa de mentirosa.

Data: 15 de novembro. Local: Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS, Belém-PA
Tipo: Agressão física; Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Vítimas: Repórter fotográfico Thiago Gomes (jornal O Liberal) e Repórter Fabrício Queiroz (jornal O Liberal)
Agressores: Manifestantes bolsonaristas em ato antidemocrático

Resumo: Agressões sofridas pela equipe de reportagem do jornal O Liberal e portal Liberal no dia 15 de novembro, feriado da Proclamação da República. Os jornalistas Thiago Gomes e Fabrício Queiroz foram hostilizados, ameaçados e agredidos pelos manifestantes do ato antidemocrático realizado em Belém, na frente do 2° Batalhão de Infantaria de Selva (2°BIS). Enquanto faziam a cobertura jornalística, os repórteres foram expulsos e xingados pelos manifestantes. Quando estavam se retirando do local, o repórter fotográfico Thiago Gomes teve o celular tomado por duas vezes pelos manifestantes que tentavam impedir o registro dos acontecimentos. Thiago também levou um soco nas costas e um chute.

Data: 16 de novembro

Data: 16 de novembro
Tipo: Agressão física; Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Local: Belém, Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS.
Vítima: Fotojornalista Cristino Martins (Jornal O Liberal)
Agressores: Manifestantes bolsonaristas

Durante cobertura jornalística para retirar a estrutura dos manifestantes bolsonaristas na avenida Almirante Barroso o jornalista Cristino Martins foi hostilizado e cerceado pelos manifestantes para que não registrasse a ação da Prefeitura de Belém e da Polícia. Os manifestantes antidemocráticos foram para cima de Cristino Martins e um manifestante que seria menor de idade chegou a pegar na câmera do profissional. O oficial da Polícia Militar identificado como Coronel Araújo ao invés de ajudar e defender o jornalista, falou que Cristino estava atrapalhando e mandou que se afastasse do local.

Data: 16 de novembro de 2022. Local: Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS, Belém
Tipo: Agressão física; Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Local: Belém-PA, Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS.
Vítimas: Repórter Wesley Costa Ribeiro (TV RBA)
Agressores: Manifestantes bolsonaristas

Resumo: A primeira agressão ocorreu pela tarde, quando o repórter Wesley Costa Ribeiro cobria a retirada, pelas autoridades de segurança, das barracas e equipamentos de bolsonaristas, que ocupavam as calçadas nas imediações do 2º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), na av. Almirante Barroso. Os manifestantes o hostilizaram, xingaram e jogaram papel higiênico sujo no repórter durante transmissão ao vivo do protesto. Essa foi a segunda vez que Wesley foi ameaçado pelos manifestantes.

Data: 16 de novembro de 2022. Local: Avenida Almirante Barroso, em frente ao 2º BIS, Belém.
Tipo: Agressão física; Descredibilização da imprensa; agressões verbais; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Vítimas: Repórter Amanda Freitas (jornal O Liberal) e Repórter fotográfico Cláudio Pinheiro (jornal O Liberal e diretor de mobilização do SinjorPA)
Agressores: Manifestantes bolsonaristas

Resumo: Na noite do dia 16 de novembro, uma equipe do jornal O Liberal, formada pela repórter Amanda Freitas e o repórter fotográfico Cláudio Pinheiro, que também é diretor de mobilização do SINJOR-PA, foi cercada, intimidada e xingada pelos manifestantes. Uma pedra chegou a ser arremessada e pegou de raspão na repórter Amanda Martins. O carro da empresa ainda foi cercado pelos manifestantes que bateram no veículo. Policiais militares que estavam próximos e acompanhavam o evento riram das cenas de agressões. O Grupo Liberal decidiu não enviar mais equipe até o local. Entretanto, após a manifestação completar um mês novamente foi enviada uma equipe ao local.

Data: 30 de dezembro de 2022. Local: Tucuruí - sudeste do Pará.
Tipo: Sequestro; Agressão física; Descredibilização da imprensa; ameaças e intimidações; impedimentos ao exercício profissional;
Vítimas: Sandro André Ferreira (repórter cinematográfico)

Resumo: Agressão contra jornalista Sandro Andre da Silva Ferreira, ocorrida na tarde desta sexta-feira, dia 30 de dezembro. Sandro foi sequestrado, espancado e teve o material de trabalho roubado enquanto fazia reportagem sobre postos de saúde fechados no município de Tucuruí, sudeste paraense. Os responsáveis pela agressão seriam seguranças e o prefeito de Tucuruí, Alexandre Siqueira (MDB). De acordo com ocorrência registrada na seccional de Tucuruí, o crime ocorreu por volta das 16h, quando Sandro filmava um posto de saúde fechado. O jornalista foi agredido por um dos seguranças, sequestrado e colocado dentro de uma caminhonete. Durante o trajeto, Sandro voltou a ser agredido na cabeça, no peito e no abdômen pelos seguranças e pelo prefeito de Tucuruí, Alexandre Siqueira. As agressões apenas cessaram quando o jornalista foi levado para a delegacia do município, onde o gestor municipal Alexandre Siqueira ainda insultou o advogado de defesa da vítima, advogado Gabriel Lambert. Em seguida, Sandro foi atendido na Unidade de Pronto-Atendimento (UPA) de Tucuruí. O jornalista realizou na manhã deste sábado (31) exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal (IML) de Tucuruí.

Equipe agredida do Liberal é acompanhada pelos presidentes Vito Gemaque do Sinjor-PA e Mauro Vaz da Comissão em Defesa da Liberdade de Imprensa da OAB-PA.

Repórteres Thiago Gomes e Fabrício Queiroz são hostilizados e agredidos por bolsonaristas na Almirante Barroso, em Belém.

PARÁ

Repórteres são agredidos em ato antidemocrático na av. Almirante Barroso, em Belém; vídeo

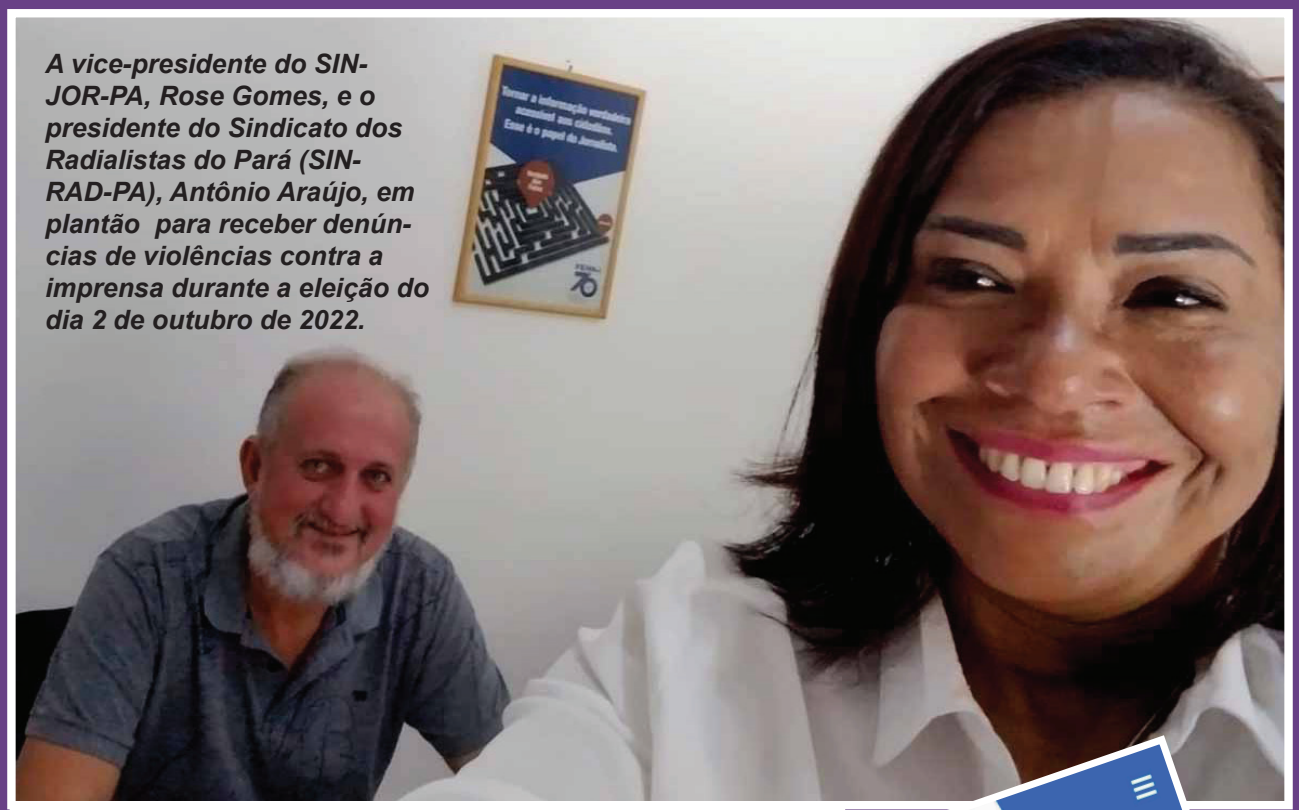
Equipe do Jornal OLiberal foi ameaçada e hostilizada, segundo o Sinjor. Grupo que não aceitou o resultado das eleições democráticas chegou a interditar uma das faixas da via nesta terça-feira, 15, no Dia da Proclamação da República.

Por g1 Pará — Belém

2022 15h14 · Atualizado há 3 meses

POLÍTICA

Jornalistas do Grupo Liberal sofrem agressões em manifestação na Almirante Barroso



A vice-presidente do SINJOR-PA, Rose Gomes, e o presidente do Sindicato dos Radialistas do Pará (SINRAD-PA), Antônio Araújo, em plantão para receber denúncias de violências contra a imprensa durante a eleição do dia 2 de outubro de 2022.

Repórteres Amanda Martins e Cláudio Pinheiro foram hostilizados e agredidos em manifestação bolsonarista na Almirante Barroso.

portal F5

Sindicato dos jornalistas repudia postura de investigador contra repórteres em Parauapebas

O LIBERAL.COM

POLÍTICA

Sessão na Câmara de Oriximiná termina com agressão do prefeito da cidade contra jornalista

Vídeos flagraram atos de violência. Vítima registrou um boletim de ocorrência contra o gestor municipal.